

À RETOMADA EPISTEMOLÓGICA KAIOWÁ E GUARANI: CIÊNCIAS INDÍGENAS, AUTONOMIAS E LUTAS TERRITORIAIS COMO EIXOS POLÍTICOS

GISLAINE MONFORT

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

LAURA JANE GISLOTI

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

RESUMO: O artigo analisa a importância das ciências indígenas como eixo político da luta territorial, da autonomia e dos caminhos para uma retomada epistemológica. Propomos reunir uma série de produções de intelectuais acadêmicos indígenas do período de 2009 a 2021 que expressam o protagonismo e os modos de engajamento da produção com a luta política em defesa dos direitos territoriais originários e por uma maior simetria entre as epistemes/ciências indígenas e os científicos-acadêmicos. Debruçamo-nos sobre dissertações e teses de pesquisadoras/es Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul, semeando um diálogo sob uma abordagem anticolonial com os eixos políticos dos conhecimentos dessas/es autoras/es, aprendendo a reorientar nossos olhares e a situar em pé de horizontalidade as ciências dos povos e as ciências não-indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomias. Ciências Indígenas. Guarani. Kaiowá. Lutas Territoriais.

No ensino superior tem crescido a presença de estudantes indígenas em cursos de Licenciatura Intercultural de universidades públicas e em mestrados e doutorados de diversos programas de pós-graduação. No entanto, a produção acadêmica dessas/es pesquisadoras/es foi pouco visibilizada ou analisada profundamente em sua importância.

A análise de uma parte situada da produção indígena que iremos apresentar neste estudo (que é fruto de uma pesquisa maior, sobre a qual estamos caminhando), longe de pretender preencher essa lacuna, busca tecer reflexões que reiteram a grande importância das ciências e autoria indígena para a luta por direitos territoriais originários e por uma maior simetria entre as epistemes indígenas e não-indígena.

Este artigo é escrito por duas mulheres, que têm vivenciado um processo de caminhada e aprendizado junto à resistência autônoma e anticolonial dos povos Kaiowá e Guarani, reeducando nossos olhares, corpos e lutas. Focamos na metodologia mista, com a participação observante e revisão bibliográfica narrativa como forma de obtenção de referências, dados e reflexões conjuntas, ao longo de seis anos de vivência e aprendizado junto às/os Kaiowá e Guarani fora e dentro da universidade. A participação observante é um caminho pelo qual se propõe uma construção simétrica como base das reflexões conjuntas, tendo como eixo o mergulho na vida junto à realidade das pessoas, permitindo que as pessoas com as quais estamos juntas também mergulhem em nossas vidas, constituindo como fontes vitais da pesquisa a horizontalidade e a colaboração,

reorientando a prática etnográfica de forma que o afeto e o engajamento político sejam as bases que conduzem o envolvimento do trabalho (ALBERT, 2014).

Neste estudo, o aprendizado e reflexões conjuntas tiveram início em 2015, por meio de diálogos e trajetórias compartilhadas em diversas situações e lugares de luta, como as assembleias dos conselhos territoriais tradicionais Kaiowá (abertas à participação não-indígena), as ações abertas das escolas indígenas, as ações comunitárias em seus territórios, espaços autogestionados, em espaços compartilhados nas universidades e em eventos científicos.

Em relação à revisão narrativa, consideramos a metodologia adequada aos nossos objetivos, visto que permite estabelecer relações com outras produções e novas perspectivas, bem como por ser possível descrever de acordo com a análise crítica pessoal das autoras que realizam este tipo de estudo (VOSGERAU e ROMANOWSKI, 2014). O critério de inclusão e exclusão de estudos foi a seleção de todas as dissertações e teses defendidas e publicadas por autoras/es dos povos Kaiowá e Guarani em programas de pós-graduação de universidades públicas do Brasil até o momento. Cabe fazer uma ressalva no sentido de nos desculparmos, caso algum trabalho não tenha sido incluído.

Os trabalhos analisados resultam das produções de dezoito pesquisadoras/es dos povos Kaiowá e Guarani a saber: Tônico Benites (Dissertação, 2009), Izaque João (Dissertação, 2009), Elda Vasques Aquino (Dissertação, 2012), Kênide de Souza Morais (Dissertação, 2013), Eliel Benites (Dissertação, 2014), Tônico Benites (Tese, 2014), Claudemiro Pereira Lescano (Dissertação, 2016), Lídio Cavanha Ramires (Dissertação, 2016), *Mbo'y Jegua* Clara Almeida Barbosa (Dissertação, 2018), Valdelice Verón (Dissertação, 2018), Celuniel Aquino Valiente (Dissertação, 2019), Gileandro Barbosa Pedro (Dissertação, 2020), Kellen Natalice Vilharva (Dissertação, 2020), Eliel Benites (Tese, 2021), Beatriz Vera (Dissertação, 2020), Sonia Pavão (Dissertação, 2021) e Marcilene Martins Lescano (Dissertação, 2021).

O texto foi construído de forma que, primeiramente, apresenta-se algumas dimensões das histórias e trajetórias dos povos Kaiowá e Guarani, com reflexões acerca da dimensão espacial, cosmológica e socioecológica do território habitado por esses povos. Soma-se a isso, a centralidade dos conhecimentos tradicionais como eixo epistêmico e político das lutas, autonomias e da construção dos conhecimentos. Em seguida, buscamos realizar um diálogo sobre a importância do aprendizado com a produção científica Kaiowá e Guarani e a insurgências das epistemes indígenas na construção de uma relação horizontal entre os conhecimentos tradicionais e ciências indígenas com a ciência ocidental. Por fim, discute-se a importância da abordagem anticolonial e a universidade como território em disputa, recorrendo às referências de autoria indígena da América Latina.

Junto a estes povos, e como pesquisadoras das áreas de Etnobiologia e da Geografia, buscamos, com este trabalho, compreender dimensões das autonomias e autodeterminação que emergem da atuação de pesquisadoras/es Kaiowá e Guarani e os eixos políticos e epistêmicos que insurgem das ciências indígenas ou ciência do território (CORRÊA, 2018). Desse modo, temos como princípio ético e científico em

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

nossas reflexões, a livre autodeterminação dos povos e as demandas que insurgem desse contexto.

ENTRE CAMINHOS DOS POVOS KAIOWÁ E GUARANI: TRAJETÓRIAS DE VIDA E LUTA

Os povos Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva em Mato Grosso do Sul se autodenominam Kaiowá e Guarani, respectivamente, compondo a segunda maior população originária no Brasil, com mais de 50 mil pessoas. Esses povos estão organizados em diferentes contextos socioespaciais, em oito reservas, quatorze Terras Indígenas, totalizando 22 áreas indígenas, além das diversas áreas de retomadas territoriais (PEREIRA, 2016).

Mesmo diante desses processos de reorganização socioespacial, os Kaiowá e Guarani fortalecem cotidianamente a resistência ancestral em defesa da retomada dos *tekoha* (território ancestral/lugar onde se é) e do *tekoha guasu* (grande território ancestral), que estão situados na porção sul de Mato Grosso do Sul, perpassados pelo que corresponde (na perspectiva estadocêntrica) à atual fronteira Brasil-Paraguai. Na contemporaneidade, estes povos vivenciam um amplo processo de vulnerabilidade ambiental e precarização territorial em seus *tekoha*, propagados pela sociedade moderna colonial e capitalista, ao que denominam de *karai reko*¹ (modo de ser e viver dos “brancos”).

Para o pesquisador Kaiowá Benites, E. (2014), o *tekoha* e a origem dos próprios povos estão presentes nas histórias de rezadoras e rezadores (*ñanderu e ñandesy*)² cujas trajetórias permitem compreender as territorialidades autônomas, os elementos culturais e religiosos que expressam os sentidos cosmológicos da terra. Os conhecimentos tradicionais e a existência enquanto povo possui uma profunda relação com a floresta, onde a biodiversidade, a multiplicidade territorial e biocultural que constituía o *tekoha* confluía com o bioma Mata Atlântica, conhecida como a grande floresta *Ka'aguy rusu*³. A floresta como espaço múltiplo possui muitos patamares, classificações e dimensões tangíveis e intangíveis onde se realiza a vida de muitos seres humanos, não humanos/outros humanos e é lugar dos *jára*⁴.

Para o bom manejo dos sistemas da floresta são imprescindíveis os conhecimentos e as práticas ancestrais com o estabelecimento de uma relação harmoniosa com os guardiões (BENITES *et al.*, 2021). No entanto, a floresta e a diversidade paisagística e territorial foram quase completamente devastadas pela expansão da forma-política do Estado, com a criação das Reservas Indígenas entre os anos de 1915 e 1928 para o avanço da monopolização da terra, da agropecuária e do agronegócio a partir de 1970. Isso tem configurado um processo de degradação dos sistemas socioecológicos e insegurança/precarização territorial para os coletivos.

A despossessão, conflitos e violências enfrentados pelos Kaiowá e Guarani estão intrinsecamente relacionados à perda do *tekoha*, aos cercos das Reservas Indígenas, à profunda precarização territorial e degradação ecológica e, por efeito, à necessidade de viabilizar a maior parte das necessidades e trabalhos fora da aldeia, já que a biodiversidade se encontra substancialmente reduzida (BENITES, 2021).

Diante disso, é vital destacar a centralidade dos conhecimentos tradicionais como eixo epistêmico e político das autonomias, das lutas territoriais e por restauração ecológica. De acordo com o pesquisador Martins (2020), a sensibilidade desses

conhecimentos expressados pela espiritualidade faz emergir uma conexão coletiva e afetividade que manifesta o verdadeiro e múltiplo modo de ser Kaiowá e Guarani. O *ñembo'e* (rezas) e o *porahei* (cantos) guiam a existência, orientam os conhecimentos e a autogestão territorial, conduzindo também o equilíbrio da floresta e a memória biocultural⁵, além de se constituir como semente que faz germinar a resistência pela vida, pelo território e pela autonomia. Por isso são eixos da luta territorial, das autonomias e dos caminhos para recomposição da floresta por meio das ciências e epistemes próprias. Para Martins (2020, p. 87), “a cosmologia Kaiowá e Guarani, segundo os rezadores, se fortalece a partir da força da reza e da sabedoria indígena”.

Nesse contexto, os Kaiowá e Guarani insurgem como protagonistas intelectuais de pesquisas elaboradas em seus territórios e, gradualmente, é possível perceber a ocupação das universidades por pesquisadoras/es de origem indígena, impulsionando novos caminhos para o compartilhamento e construção dos saberes e lutas. É sobre esse contexto que nos debruçaremos no próximo tópico.

PESQUISADORAS E PESQUISADORES KAIOWÁ E GUARANI E AS INSURGÊNCIAS DA CIÊNCIA ORIGINÁRIA

Uma das faces da violência contra os povos indígenas são as violações, genocídio, criminalizações e marginalizações conduzidas pelo Estado, visando a atender a burguesia agrária-empresarial. Nesse contexto se propaga o indigenismo de Estado de caráter racista e colonialista, que constitui também a colonialidade do saber e do poder, ou o colonialismo intelectual como aponta Rivera Cusicanqui *et al.* (2016), que fundamentou ao longo da história a forma de construção do conhecimento nas universidades (CARNEIRO da CUNHA, 2007; QUIJANO, 2005; RIVERA CUSICANQUI *et al.*, 2016).

O desterro e a despossessão ocorrem no âmbito das universidades que exerceram, na maioria das vezes, o papel de promover a subalternização dos saberes e valores ancestrais em favor da predominância de saberes euro-ocidentais. Frente a isso, os povos originários seguem fortalecendo seus conhecimentos tradicionais e autonomias, no sentido de construírem a implementação de uma educação diferenciada e bilíngue de forma que seja possível semear conhecimentos que sejam harmoniosos com os seus anseios, sua livre autodeterminação, cosmopercepções e realidades socioterritoriais.

Nesse cenário, os Kaiowá e Guarani, através das ações coletivas e autônomas, geraram potentes frutos, como a implementação da Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*, que deu origem à Faculdade Intercultural Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados (FAIND/UFGD). Além disso, criaram um curso de formação de professoras/es específico como resultado da luta do Movimento Indígenas com os conselhos e organizações de base desde a década de 1970 (VALIENTE, 2018).

Para além da luta por uma educação específica e diferenciada, os Kaiowá e Guarani seguem pautando a ocupação dos espaços de pesquisa, ingressando em programas de pós-graduação. Já são mais de trinta estudantes formadas/os e/ou matriculadas/os em cursos de mestrado e doutorado. As dissertações e teses que foram

e estão sendo desenvolvidas perpassam pelas mais diversas áreas do conhecimento, no entanto tem em comum o fato de serem desenvolvidas em seus *tekohas* e por meio dos métodos e ciência própria, que emergem tendo como pano de fundo a visão cosmocentrada nos conhecimentos tradicionais e nas lutas pela retomada de seus *tekohas*.

Nesse sentido, as reflexões tecidas neste estudo, a partir do aprendizado com o protagonismo de pesquisadoras/es e com as ciências originárias, são também atravessadas por nossas experiências e convicções políticas, buscando possibilitar um espaço dialógico e sensível sobre a importância de reposicionarmos a escuta, de fazermos caminhar as palavras e o aprendizado com as lutas dos povos e os trabalhos que vêm sendo construídos por essas/es pesquisadoras/es. Reunimos e discutimos dezoito trabalhos de dissertação (16) e tese (2) de pesquisadoras (7) e pesquisadores (11) dos povos Kaiowá e Guarani, elaboradas e executadas por cinco instituições de ensino superior: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/MS) (9), Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/MS) (4), Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/RJ) (2), Universidade de Brasília (UnB/DF) (2), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA/PR) (1).

As dissertações e teses foram defendidas em nove programas de pós-graduação: Educação (4), História (3), Geografia (2), Antropologia Social (2), Antropologia (1), Educação e Territorialidade (2), Integração Contemporânea da América Latina (1), Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (2), Mestrado em Biologia geral/Bioprospecção (1), ao longo de 12 anos (de 2009 a 2021).

Os dados demonstram o aumento da autoria Kaiowá e Guarani, tanto no contexto local de universidades quanto em âmbito nacional. Na diversidade temática, as pesquisas de dissertação e tese se referem, com maior ou menor destaque, aos contextos interétnicos em que se encontram inseridos e à valorização dos conhecimentos tradicionais como pilares de luta e autonomia para recomposição da vida. Sejam os trabalhos referidos à educação Kaiowá e Guarani (LESCANO, 2016), às formas política-organizativas ancestrais (BENITES, 2014, 2020) ou aos aspectos cosmológicos e políticos das retomadas territoriais (BENITES, 2021), todos se debruçam sobre as mazelas das relações assimétricas estabelecidas pelo colonialismo, que estrutura a formação socioespacial do Brasil e que estrutura as universidades.

As produções resultam da formação de uma epistemologia crítica que incide sobre o alicerce da trajetória coletiva. Os termos e as condições da construção do conhecimento dos povos Kaiowá e Guarani geram novos discursos políticos, que estabelecem o debate sobre o quanto a universidade invisibiliza os contextos de origem dessas/es autora/es e marginaliza suas sabedorias e etnicidades. E além de se dedicarem à sistematização dos conhecimentos de seus povos e bases comunitárias, também fundamentam seus esforços de pesquisa, análise e críticas sobre as relações com o mundo não indígena e possíveis novas formas de construção de conhecimentos.

O antropólogo Kaiowá Valiente, refletindo sobre a entrada de estudantes Kaiowá na pós-graduação, pontuou que, muitas vezes, as pesquisas por elas/es realizadas podem, em alguns aspectos, “se conformar aos modelos impostos pela academia. Mesmo assim, partimos da hipótese de que é possível identificar diferenças na apresentação do conhecimento indígena, nos textos produzidos por eles próprios” (VALIENTE, 2019, p. 20).

De acordo com Vilharva (2021), a maior parte do conhecimento tradicional das comunidades Guarani-Kaiowá é construído, cultivado e compartilhado pela oralidade e por meio dos rituais que têm o protagonismo das rezadoras e dos rezadores. A autora destaca que, por ser neta de rezadora e bióloga Guarani-Kaiowá, traz junto de si o conhecimento tradicional de seu povo na construção de sua pesquisa.

Conforme Pedro (2020), para compreender as epistemes que se diferem dos saberes eurocêntricos, é preciso aprender com o saber epistêmico oriundo das terras habitadas pelos povos originários, pois os saberes indígenas ainda são tratados como inferiores pela visão colonialista, no entanto, são essas ciências que podem contribuir com respostas a questões não solucionáveis pela racionalidade moderna-colonial. O autor expressa uma crítica substancial a essa racionalidade moderna colonial e destaca a importância da epistemologia Kaiowá:

Os saberes criados nos centros de poder monopolizam o conhecimento aos seus respectivos locais, implicando na desvalorização de outros, cuja origem remete às localidades consideradas periféricas. Com isso difunde-se a ideia abstrata de uma ciência universal originada a partir de conhecimentos oriundos dos centros de poder localizados na Europa. Para se entender a concepção Kaiowá, portanto, é necessário vislumbrar uma epistemologia que se difere originalmente das formas eurocêntricas, (...). Embora sejam epistemologias diferentes, para os indígenas Kaiowá são as leis naturais contundentes que regem a realidade e, mais do que um ponto de vista, regem sua forma de ser e de viver (PEDRO, 2020, p. 23).

Na perspectiva de valorização das ciências indígenas e seus léxicos políticos e epistêmicos, Ramires (2016), Martins (2020) e Benites (2021) deixam explícito que a construção de epistemologias indígenas perpassa também pela construção de outras metodologias de pesquisa de forma que

o método do *ñemongeta* ameniza a desconfiança dos indígenas em relação ao pesquisador, pois prioriza ouvir a real necessidade do povo, por entender que há um vínculo histórico de indígena para indígena e, ao mesmo tempo, o diálogo na língua. Rompe-se, assim, o estereótipo colonialista de que o indivíduo só pode expressar seus pensamentos acadêmicos na língua ocidental, fortalecendo-se, também, o processo de protagonismo dos indivíduos indígenas, por exemplo dos rezadores. Propicia-se, igualmente, várias questões em relação à pesquisa, sobretudo por se abordar o tema bastante complexo (MARTINS, 2020, p. 20).

Ao contrário da ideia de pesquisa como pensam os pesquisadores não indígenas, onde se busca o saber através de escala analítica para estudar o objeto definido, os indígenas buscam assentar as experiências e os sistemas do lugar na episteme e na totalidade do sentido do corpo (BENITES, 2021, p. 42).

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

Os passos utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa eu denomino como autoetnografia, porque trazem concepções holísticas de dentro para fora, no campo epistêmico, como membro da comunidade, oriundo do mundo Kaiowá e Guarani e falante da língua materna, aproprio-me do mundo letrado para trazer e ressignificar os saberes Kaiowá e Guarani, potencializando a cosmovisão Kaiowá e Guarani como ciência (RAMIRES, 2016, p. 39).

Mesmo em uma pesquisa sobre a influência dos líderes evangélicos sob as transformações nos papéis desempenhados pelas lideranças tradicionais em uma reserva indígena, Martins (2020) assume como ponto crucial o estabelecimento de uma epistemologia indígena, afinal, suas motivações são semeadas pela ancestralidade. Destaca como as rezas se fortalecem à medida que os seus conhecedores são desafiados e o “poder espiritual, para esses rezadores, só ganha força se for praticado de forma correta, sobre a base social e coletiva, com justiça e honestidade” (MARTINS, 2020, p. 87).

Os trabalhos analisados assumem uma perspectiva destacadamente conectiva e crítica aos contextos e significados históricos e políticos das relações desiguais que engendram os mundos indígenas e não indígena. É nesse contexto que nos últimos anos vem crescendo o número de pessoas indígenas em diferentes graduações e pós-graduações nas universidades do país, de forma que o pesquisador Kaiowá Valiente (2018) detalha com valorosa maestria o processo de ingresso de pesquisadoras/es Kaiowá e Guarani nos programas de pós-graduação.

A luta pelo ingresso no campo da pesquisa não é recente, já que insurge durante o fortalecimento de mobilizações dos Movimentos Indígenas em todo o país na década de 1970. Entre os Kaiowá e Guarani esta demanda emerge no contexto das ações políticas do conselho tradicional e Grande Assembleia – *Aty Guasu* e do Movimento de Professoras/es Kaiowá e Guarani nas décadas de 1970 e 1990, com a autodeterminação política, o fortalecimento dos saberes tradicionais e a autonomia como eixo da educação diferenciada e da atuação nas escolas e universidades. Mas é importante atentar para as tensões existentes nesse enredo como afirma o pesquisador Kaiowá Anastácio Peralta (2009, p. 40):

Embora utilizemos muitas coisas de vocês, não seremos nunca iguais a vocês. Por isso, temos que trabalhar a interculturalidade, e para usá-la é preciso ter cultura, pois quem tem cultura respeita outra diferente da sua, e, em muitos momentos o nosso estado só admite uma cultura – a de domínio.

É notável que as demandas pela autonomia, autodeterminação e pelo protagonismo intelectual em seus estudos se manifestam com a reelaboração de suas ciências ancestrais sob a base da cosmologia, das histórias e trajetórias de seus povos para a construção de pesquisas com diversas dimensões das relações de poder e resistência que permeiam a usurpação de seus *tekoha*. Esse processo de insurreição das ciências nativas e do protagonismo de intelectuais indígenas fortalece novas epistemes e metodologias baseadas nas lutas anticoloniais. A pesquisadora Sônia Pavão (2021) destaca um diálogo com o mestre tradicional *ñanderu*, rezador, Eduardo Recalde, que relata que o

conhecimento tradicional é bastante complexo e profundo podendo ser considerado um código de segurança da ciência indígena que garante o bem viver e germina a harmonia do modo de ser Guarani Kaiowá, que deve ser passado de geração de geração para garantir a sobrevivência física e espiritual da comunidade (PAVÃO, 2021, p. 101).

Essa perspectiva cosmocentrada deixa evidente que, para os povos, o protagonismo nas pesquisas tem sido também um eixo das lutas atuais, de forma que, para Benites (2009, p. 29):

Nossa maior dificuldade foi desestruturar aquilo que estava fixado. Mas a superamos, graças à percepção de que era preciso trabalhar em grupo, uma vez que estávamos construindo nossa identidade. É preciso afirmar nossa visão, para, dessa forma, fortalecer nossa cultura e nosso povo. Se não soubermos quem somos, não poderemos atingir o desenvolvimento e o fortalecimento de nossa cultura e de nossa língua. (...). Quanto mais avançamos no caminho educacional, maior se torna o desafio. Por isso é necessário ouvir as comunidades e os acadêmicos, em um diálogo contínuo, pois aprender a ouvir é uma conquista. Trata-se de uma grande mudança em nossa comunidade, e é preciso analisar de que maneira podemos contribuir com ela.

Nesse mesmo sentido, os pesquisadores Kaiowá Eliel Benites e Celuniel Valiente destacam que:

Hoje, já ancorado nos conhecimentos tradicionais e nos estudos acadêmicos, sou um novo sujeito, sou um Kaiowá mergulhado na minha subjetividade tradicional, mas que sabe conviver na fronteira intercultural (BENITES, 2014, p. 16).

As pesquisas (...) que estão sendo desenvolvidas, ou já foram desenvolvidas, têm sido muito importantes (...) pelo motivo de demonstrar as características das etnografias produzidas pelos próprios indígenas sobre a figuração sociológica, cosmológica e sociopolítica do seu coletivo. A ciência indígena não pode ser caracterizada menos do que a ciência Ocidental, mas sim pensada na interação ou no diálogo entre esses diferentes conhecimentos que existem no mundo. Também, é preciso tirar os conhecimentos indígenas da concepção tradicional, ou seja, descartar da esfera da antiguidade ao qual se percebe como antigo e ultrapassado; num olhar mais profundo desses conhecimentos, percebe-se o valor epistemológico que ele possui (VALIENTE, 2018, p. 196 e 202).

Nessa caminhada, é notável também o protagonismo, a autoafirmação ontológica, étnica e política, e a autoexpressão como reivindicação das mulheres pesquisadoras que abordam a manifestação dos seus saberes sob uma perspectiva

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

crítico-criativa, dando relevância especial às práticas ancestrais e às trajetórias de vida e luta das mulheres, nos abrindo para novas metodologias que se aproximam da construção de formas de conhecimento fundamentados no engajamento político, nas quais as mulheres são sujeitos políticos que expressam a luta ancestral e permanente por vida, território e autonomia. Exemplos disso são as pesquisadoras Kaiowá Valdelice Veron, Clara Barbosa de Almeida (Mbo'y Jegua) e Elda Vasques Aquino, que destacam em suas dissertações a lutas das mulheres de seu povo:

O que me propus a fazer, embora esteja dentro dos cânones acadêmicos, é um trabalho para meu povo e sobre meu povo, portanto, está no campo das divindades não como entendida para os não-indígenas, penso divindades aqui como aqueles Kaiowá que se fortaleceram e encantaram e estão em outro tempo e espaço, que é acessado especialmente pelas lideranças religiosas, da mata, do nosso território, da relação com diversos seres. A construção desse trabalho veio dessa interação que temos com outras instâncias. Desse modo, tentei mostrar como as mulheres Kaiowá são especiais (VERON, 2018, p.7).

Depois de realizar minha pesquisa junto à comunidade a qual pertencço, digo que conluo em parte meu trabalho. Vejo que ainda preciso continuar a desenvolvê-lo, para poder dizer “conclusão final”. Sei que nunca terei uma pesquisa acabada, sempre terei que continuar respondendo várias perguntas como educadora e mulher indígena. Para nós Kaiowá existe o agora, o amanhã pertence a deus. Hoje os indígenas devem lutar para recuperar seus territórios tradicionais, só assim estaremos seguros para continuar nossa sobrevivência (AQUINO, 2012, p. 105).

É fato que as pesquisas, cada uma ao seu modo, revelam as múltiplas dimensões das ciências indígenas e das lutas a partir do trabalho junto a suas comunidades, na multiplicidade dos modos de ser e na diversidade de saberes e territórios, rompendo com os cercos da visão una e a “mono-cultura” da universidade, além de fortalecer a autoafirmação e a autoexpressão. Um processo que vai germinando a partir de uma experiência muito importante para estes povos, já que, hoje, uma considerável parte das educadoras/es indígenas é também pesquisadora/or nos programas de pós-graduação. Isso potencializa não só trabalhos elaborados numa dimensão cosmocentrada nos conhecimentos tradicionais, mas também potencializa paulatinamente o Movimento de Professoras/es Kaiowá e Guarani e a educação diferenciada e intercultural crítica e anticolonial.

Sob essa ótica, é preciso reconhecer com profundidade o importante processo de fortalecimento de trabalhos construídos por pesquisadoras/es Kaiowá e Guarani, que tem também pautado como forma de retorno das pesquisas realizadas em seus territórios a reivindicação da valorização de ações colaborativas e a valorização dos sujeitos que participam da pesquisa, sobretudo as lideranças tradicionais, como autoras/es que co-produziram os trabalhos. Reivindicam, assim, espaços de afirmação política étnica-cultural, onde a construção do conhecimento, de fato, não é uma tarefa solitária (BENITES, 2014).

Um exemplo disso é a pesquisa desenvolvida pelo músico Guarani Kenide Souza (2013), que, por meio de seu trabalho sobre o rap, na mais populosa Reserva Indígena do país, Dourados/Mato Grosso do Sul, demonstrou o caráter transformador da música dentro do protagonismo indígena, conseguindo veicular os ideais daqueles que a instrumentalizam como representação das visões de mundo dos povos.

Nascido e criado neste território, ainda criança ouvia relatos dos mais velhos sobre as violências ocorridas nas aldeias e sobre a acomodação das pessoas em minha volta diante dessa realidade. Os escabrosos fatos de violência me causavam um estado de desconforto diante da incapacidade da comunidade de se mobilizar, de lutar. Eu, um Guarani, me negava a acreditar que o povo forte, povo do sonho, não estavam mais sonhando com dias melhores para as suas comunidades. (...) pude ver que não era só a minha comunidade que precisava lutar, conquistar espaços e se transformar, mas vi que existiam povos e gente das próprias periferias das cidades que sofriam de maneira semelhante ou até mesmo mais ainda que o povo da minha aldeia (SOUZA, 2013, p. 13-14).

Assim como na luta pelo território existe muita violência propagada pelo Estado, nas instituições de ensino e pesquisa – universidades – a situação não é muito diferente, de modo que em muitos aspectos ainda há o predomínio da subalternização e da marginalização das ciências indígenas, ao mesmo tempo em que há a centralidade nos saberes eurocêntricos e patriarcais. Esse processo tem se chocado com o levante de reivindicações e luta por uma educação diferenciada e, mais do que isso, do protagonismo de pesquisadoras/es indígenas e de espaços dialógicos e autônomos construídos pelos Movimentos Indígenas que pavimentam este caminho de insurgências.

ANTICOLONIALISMO E A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO EM DISPUTA (AUTO)DEMARcado PELA RESISTÊNCIA INDÍGENA

A potencialidade dessa autodeterminação política nos leva a destacar que o que estamos pautando é a procedência de trabalhos cuja produção intelectual gira ao redor do compromisso com seus coletivos e que reconhecem o peso das circunstâncias históricas em sua obra (ZAPATA, 2008). O que gradualmente faz germinar caminhos de construção e compartilhamento de conhecimento com múltiplas identidades étnicas, cosmologias, projetos históricos de libertação e autonomias, que agora vão se expressando também pela escrita de pesquisadoras/es indígenas. Do mesmo modo que vai fortalecendo as ciências indígenas, seus métodos, dimensões e perspectivas rompem com os cercos da ciência ocidental.

Um exemplo desses outros caminhos possíveis fica evidente nas palavras de Davi Kopenawa ao destacar o pensamento da floresta como base, uma ciência da floresta junto aos *xapiri* (espíritos da floresta) (KOPENAWA e ALBERT, 2015). E na dissertação do pesquisador Tukano, Barreto (2013), onde o autor aponta que a

construção do conhecimento entre seu povo é feita como um exercício de um estudo feito “por dentro” do conhecimento tradicional.

De outro modo, o historiador Mapuche Ñanculef (2013) destaca que o povo Mapuche, em sua multiplicidade, possui seus próprios intelectuais muito antes da irrupção colonialista hispânica em *Abya Yala*, que são as/os guardiãs/guardiões dos saberes, os *Fütxakeche* (anciões/anciãs). Essa dimensão expressa os sujeitos políticos e os conhecimentos ancestrais semeados de forma orgânica a partir das cosmologias, dos fenômenos da biodiversidade e do território (ÑANCULEF, 2020). Esses são elementos das ciências nativas que, para o pesquisador Añuu Weir (2020), vão sendo constituídas pelo saber-fazer coletivo que brota da terra e das práxis da territorialidade comunitária.

Aprofundando a problemática, Nahuelpan *et al.* (2012) enfatiza que as ciências indígenas têm sido marginalizadas pela história da escritura ocidental, sendo por muitas vezes considerada “mitologia”, um sub-conhecimento, subestimado pela arrogância e tutela acadêmica dos *wingka* (não indígenas), daquelas e daqueles que se colocam enquanto “especialistas” da história e da cultura dos povos indígenas.

Em contraposição à violência histórica, a luta por uma educação intercultural e anticolonial nas escolas e universidades, construídas pelos Movimentos Indígenas nas últimas décadas do século XX e neste século XXI, tem como base um novo legado teórico-metodológico e político associado às autonomias e lutas étnico-socioterritoriais. As primeiras incursões de indígenas na formação universitária são atravessadas por desafios contra a colonialidade, a racionalidade e os imperativos da ciência ocidental (LUCIANO, 2009). Para Gersem Luciano, do povo Baniwa,

o primeiro desafio é transformar os centros acadêmicos em espaços de diálogos interculturais, e não apenas interdisciplinares ou Inter ideológicos. Sendo um espaço multicultural ou pluricultural, abriria caminhos para que os saberes tradicionais dos povos indígenas e de outros grupos étnicos, raciais e sociais fizessem parte das linhas programáticas dos cursos e programas de formação. Só assim o desejo das comunidades indígenas quanto à formação de seus jovens começaria a ser atendido, uma vez que os acadêmicos indígenas poderiam desenvolver seus estudos e pesquisas de forma integral e orgânica, entre os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos indígenas tradicionais, no mesmo espaço e tempo (LUCIANO, 2009, p. 33).

Esse tem sido um movimento de repensar o lugar, o papel e os desafios de intelectuais indígenas, rompendo com a dicotomia das áreas das ciências, e talvez essa seja a tarefa mais difícil, pois coloca em questão “a autoridade” do caráter uno da ciência ocidental e da cientificidade das áreas, sobretudo no que diz respeito a metodologia etnográfica (LUCIANO, 2016). O autor reivindica a autoetnografia como participação observante a partir das pesquisadoras/es indígenas, fortalecendo a diversidade de saberes, territórios e modo de ser, subvertendo as metodologias e os discursos políticos pela livre autodeterminação. Como ressaltado, esse é o caminho de uma longa jornada de retomada em que

o grande desafio do Brasil ainda é pagar a dívida histórica com os povos indígenas, e libertá-los do processo histórico de 505 anos de

confinamento territorial, cultural, político e econômico. As reivindicações dos indígenas – educação, terra, recursos naturais, meio ambiente saudável e reconhecimento de sua organização social, estruturas políticas, sistemas econômicos sustentáveis e símbolos de identidade –, encontram cada vez maior justificação moral e ética na sociedade brasileira e mundial (LUCIANO, 2009, p. 39).

A autodeterminação, a autoafirmação e autoexpressão são fatores fundamentais para compreender os desafios, mas também a resistência histórica dos povos originários. E como destacado por Célia Corrêa, do povo Xakriabá (2018, p. 56), esse protagonismo vai muito além de um “exercício intelectual e político que envolve essas epistemologias indígenas e de outros povos tradicionais, participar dessas interlocuções exige também criatividade e um nível considerável de apreço à subversão”, ressaltando ainda o orgulho de ser mulher formada na ciência Xakriabá.

Para a autora, essa ciência do segredo e do sagrado é construída no território, pois o território é ciência, e semeia a multidimensionalidade da subversão dos eixos canônicos da ciência ocidental, contrapondo-se como ciência construída pela vida, pela terra, pelas relações orgânicas e pelas políticas comunitárias de cada povo, ao seu modo, tempo e geografia. Na universidade, a autora destaca que fortaleceu o compromisso de contribuir na valorização das epistemologias nativas e no reconhecimento da autoria indígena e dos sujeitos políticos que colaboraram: “temos uma tarefa desafiadora pois não basta apenas reconhecer os conhecimentos tradicionais, é necessário também reconhecer os conhecedores” (CORRÊA, 2018, p. 18). Para a autora:

O saber produzido no centro encontra-se em crise. Algumas universidades já estão se propondo a esse diálogo, há outras que carecem de ampliar e se abrir para essa proposta, e acredito que nós povos indígenas temos muito a contribuir, nesse sentido, porque o nosso conhecimento não poder ser reduzido como um saber menor ou ser tratado como retórica, somos povos que produzimos nossa própria epistemologia nativa, que é alimentada na ciência do território (CÔRREA, 2018, p. 18).

As universidades pouco compreenderam a importância dos novos eixos políticos e epistêmicos que insurgem das ciências originárias e das pesquisas construídas por intelectuais indígenas, que estão propondo um diálogo horizontal entre as ciências de seus povos e territórios com as ciências não indígenas. Temos muito a aprender com as ciências do território e com o engajamento político semeado desde os territórios e desde as autonomias sob as bases dos conhecimentos tradicionais.

Para a geógrafa Guarani Beatriz Vera (2020), a escrita e a pesquisa possuem um lugar muito bem determinado:

Não escrevo para as elites...escrevo para o meu povo, para minha família, para minha comunidade, para nós, Guarani Nandéva da aldeia Pirajuí, e para todos que querem caminhar com a gente.

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

Escrever para o meu povo talvez seja menos simples que escrever para os outros, sobre os outros, porque para isso, a escrita deveria ser, também, um ato coletivo, que depende, mas também não depende apenas de mim (envolvendo sempre uma coletividade, a minha família, a minha comunidade, o meu lugar (VERA, 2020, p. 15).

Vale dizer que o pensamento anticolonialista tem uma vasta e profunda trajetória na América Latina e, longe de ser uma abordagem ou corrente homogênea, se destaca pela diversidade de saberes, lutas e expressões dos povos, bem como se destaca pelos debates que têm sido promovido nos territórios em resistência (ZAPATA, 2008). A insurreição do protagonismo dos povos demonstra as novas chaves teóricas-metodológicas fundamentada na perspectiva anticolonial que se apoiam nos princípios cosmo-ecológicos, nas lutas territoriais e autonomias. Nesse sentido, para Célia Corrêa (2018, p. 103):

Existe a universidade da vida e a vida na universidade, estar na academia só tem sentido se não exterminar a identidade. Na luta também adquirimos conhecimento. Portanto toda luta é epistêmica. Não há lugar de um único saber isso seria matar a "diferença".

Essas críticas são pontos centrais contra a despossessão da diferença e da multiplicidade, e são eixos fundamentais para subvertermos as universidades, construindo conhecimento dos povos para os povos apoiada na diversidade de referentes históricos, sociológicos, geográficos e biológicos, que fortalecem as lutas territoriais e socioambientais. Que a partir desse aprendizado com as ciências indígenas, possamos potencializar a construção de conhecimentos que afirmam a vida 'pela' e 'para' a autonomia, reflorestando mentes e aliançando lutas e saberes que nos permitam combater as violentas intervenções que permeiam a universidade monoepistêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a compartilhar reflexões conjuntas sobre o processo de insurgências de pesquisadoras/es Kaiowá e Guarani, uma experiência que tem se constituído como um processo de resistência contra as cercas e os cercos da violência histórica que atravessam a colonialidade do poder e do saber. Esse movimento de retomada epistemológica semeia um caminho de autodeterminação política, autonomia e expressão das ciências indígenas com novo léxicos teórico-metodológicos e políticos.

Os Kaiowá e Guarani têm autodemarcado a universidade como território indígena e como espaço múltiplo a compartilhar a diversidade de conhecimentos, pautando os sistemas epistemológicos e as pesquisas científicas a partir do compromisso com seus povos e através do registro de histórias e trajetórias de vida e luta pelo *tekoha*, dos conhecimentos tradicionais e das territorialidades autônomas que visam reflorestar mentes e terras.

Nesse sentido, a autodeterminação, a autoexpressão e as insurgências destes povos são ações indispensáveis para as estratégias de fortalecimento político das

comunidades junto às organizações de base, assim como são imprescindíveis para o fortalecimento das lutas anticoloniais indígenas. Fortalecer essa reivindicação é um compromisso e um dever de todas e todos que caminham lado a lado com as lutas indígenas. Vida longa à resistência Kaiowá e Guarani e de todos os povos originários!

Artigo recebido em: 30/12/2021

Aprovado para publicação em: 08/03/2022

NOTAS

1 - Modo de ser e viver dos não-indígenas ou dos “brancos”. Também podendo ser relacionado ao modelo que expressa o sistema patriarcal/capitalista/colonialista/estadista.

2 - Lideranças políticas e espirituais, principais guardiões e guardiãs das sabedorias tradicionais, das rezas, dos cantos e da memória de resistência Kaiowá e Guarani.

3 - Grande floresta que expressa as memórias das territorialidades Kaiowá e Guarani. Ver João (2011).

4 - Os *jára* são considerados os donos e guardiões das espécies e dos lugares. São seres espirituais malfazejos e benfazejos que cuidam dos animais, da flora e dos lugares habitados pelos coletivos, aguçando a sensibilidade daqueles e daquelas que por ali caminham. O universo está repleto de muitos domínios e a cada um deles corresponde um *jára* específico (JOÃO, 2011).

5 - As memórias bioculturais são saberes territoriais e socioecológicos são compartilhadas por diferentes gerações e vão se constituindo enquanto consciências históricas comunitárias conjugadas pelas lembranças (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2019).

THE KAIOWÁ AND GUARANI EPISTEMOLOGICAL RETAKE: INDIGENOUS SCIENCES, AUTONOMIES AND TERRITORIAL STRUGGLES AS POLITICAL AXES

ABSTRACT: The article analyzes the importance of indigenous sciences as a political axis of the territorial struggle, autonomy and paths for epistemological recovery. We propose to bring together a series of productions by indigenous academic intellectuals from 2009 to 2021 that express the protagonism and modes of engagement of production with the political struggle in defense of original territorial rights and for greater symmetry between indigenous epistemes/sciences and academic scientists. We focus on dissertations and theses by Kaiowá and Guarani researchers in Mato Grosso do Sul, sowing a dialogue under an anti-colonial approach with the political axes of the knowledge of these authors, learning to reorient our perspectives and to place them in a standing position horizontality the sciences of the peoples and the non-indigenous sciences.

KEYWORDS: Autonomies. Indigenous Sciences. Guarani. Kaiowa. Territorial Struggles.

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

LA RETOMADA EPISTEMOLÓGICA KAIOWÁ Y GUARANÍ: CIENCIAS INDÍGENAS, AUTONOMÍAS Y LUCHAS TERRITORIALES COMO EJES POLÍTICOS

RESUMEN: El artículo analiza la importancia de las ciencias indígenas como eje político de la lucha territorial, de la autonomía y de los caminos para la reanudación epistemológica. Nos proponemos reunir una serie de producciones de intelectuales académicos indígenas en el período 2009-2021 que expresen el protagonismo y las formas de compromiso de la producción con la lucha política en defensa de los derechos territoriales originarios y por una mayor simetría entre las epistemes/ciencias indígenas y las científico-académicas. Observamos disertaciones y tesis de investigadores kaiowá y guaraní en Mato Grosso do Sul, sembrando un diálogo bajo un enfoque anticolonial con los ejes políticos del conocimiento de estos autores, aprendiendo a reorientar la mirada y a colocar en posición horizontal las ciencias de los pueblos y las ciencias no indígenas.

PALABRAS CLAVE: Autonomías. Ciencias Indígenas. Guarani. Kaiowa. Luchas Territoriales.

REFERÊNCIAS

ALBERT, B. Situação Etnográfica e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos-Revista de Antropologia**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 129-144, 2014.

AQUINO, E. V. **Educação Escolar Indígena e os processos próprios de aprendizagens:** espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai, Amambai-MS. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

BARRETO, J. P. L. **WaiMahsã:** peixes e humanos um ensaio de antropologia indígena. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, 2013.

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá:** impactos e interpretações indígenas. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BENITES, E. **Oguata Pyahu (Uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da Aldeia Te'ýikue.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2014.

BENITES, T. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando):** o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BENITES, E. Tekoha Ñeropu'ã: aldeia que se levanta. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 23, n. 52, p. 19-38, 2020.

BENITES, E. **A busca do teko araguyje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

BENITES, E; MONFORT, G; GISLOTI, L. J. Territorialidades originárias e a cosmologia Kaiowá e Guarani: auto-organização contra o agronegócio, os crimes socioambientais e a pandemia. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 38-59, 2021.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n.75, p. 76-84, 2007.

CORRÊA, C. N. **O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma Educação Territorializada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

JOÃO, I. **Jakaira Reko Nheypyrú Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y, Mato Grosso do Sul**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

LESCANO, C. P. **Tavyterã Reko Rokyta: os pilares da educação guarani kaiowá nos processos próprios de ensino e aprendizagem**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

LESCANO, M. M. **Roças Kaiowá: cuidados práticos, rituais e técnicas de cultivo na reserva Taquaperi**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

LUCIANO, G. J. S. O papel da universidade sob a ótica dos povos e acadêmicos indígenas. //: NASCIMENTO, A. C. (Org.). **Povos indígenas e sustentabilidade: saberes e práticas interculturais nas universidades**. Campo Grande: UCDB, 2009. p. 32-39.

LUCIANO, G. J. S. Indígenas antropólogos: entre a ciência e as cosmopolíticas ameríndias. //: RIAL, C.; SCHWADE, E. (orgs.) **Diálogos Antropológicos Contemporâneos**, Brasília: ABA, 2016. p. 47-57.

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

MARTINS, E. S. **Transformações nos papéis desempenhados pelas lideranças tradicionais na Reserva Indígena de Caarapó, a partir da entrada de líderes evangélicos (1980-2017)**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

MBO'Y JEGUA (Clara Almeida Barbosa). **A luta das mulheres Kaiowá e Guarani: quarenta anos de reconquista de seus territórios**. 2018. Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, 2018.

MORAIS, K. S. **“O meu rap está apenas começando”**: juventude e sustentabilidade cultural na Reserva Indígena de Dourados-MS. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NAHUEL PAN, H. et al. **Taiñ fijke xipa rakizumeluwün, historias, colonialismo y resistencia desde el país Mapuche**. Temuco: Edición Comunidad de Historia Mapuche, 2012.

ÑANCULEF, J. La academia y la ciencia Mapuche In: TAPIA, P. C; CAMPOS, C. R. **Claro de Luz**: Descolonización e “intelectualidades indígenas en Abya Yala, siglos XX y XXI. Santiago: Ediciones Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas. USACH. 2013. p. 165-186.

ÑANCULEF, J. **Astronomía**: cosmovisión y religiosidad mapuche. Edición: Fundación Aitue, 2020.

PAVÃO, S. **Conhecimentos Tradicionais Guarani e Kaiowá como fontes de autonomia, sustentabilidade e resistência**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

PEDRO, G. B. **Ore Rekohaty (Espaço de pertencimento, lugar que não se perde)**: Do esbulho das terras à resistência do modo de ser dos Kaiowá da Terra Indígena Panambi – Lagoa Rica em Douradina MS (1943 – 2019). 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

PERALTA, A. Relato sobre o papel da universidade sob a ótica dos povos e acadêmicos indígenas. //: NASCIMENTO, A. C. (org.). **Povos indígenas e sustentabilidade**: saberes e práticas interculturais nas universidades, Campo Grande: UCDB, 2009. p. 40- 41.

PEREIRA, L. M. **Os kaiowá em Mato Grosso do Sul**: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado. Dourados: Editora UFGD, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

RAMIRES, L. C. **Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Nandajara Pólo Reserva Indígena Te'yikue**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

RIVERA CUSICANQUI, S.; DOMINGUES, JM, ESCOBAR, A; LEFF, E. Debate sobre o colonialismo intelectual e os dilemas da teoria social latino-americana. **Assuntos de Sociologia**, nº 14, e009, 2016.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N; BOEGE, E. **¿Qué es la diversidad biocultural**. Morelia: Universidad Nacional Autónoma de México, 2019.

VALIENTE, C. A. Breve descrição sobre os kaiowá e guarani na graduação e pós-graduação. **Tellus**, Campo Grande, v. 18, n. 36, p. 193-205, 2018.

VALIENTE C. A. **Modos de produção de coletivos kaiowá na situação atual da reserva de Amambai, MS**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

VERON, V. **Tekombo'e Kunhakoty: Modo de viver da mulher Kaiowa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VERA, B. **Espaço, árvores e plantas na reserva indígena Pirajuí: entre memórias e lugares de agora**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

VILHARVA, K. N. **Rhynchophorus palmarum Linnaeus (Coleoptera, Curculionidae): etnoconhecimento Guarani-kaiowá e atividades farmacológicas**. 2020. Dissertação (Mestrado em Biologia geral/Bioprospecção) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

VOSGERAU, D. S. R; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WEIR, J. A. Q. **Hacer Comunidad: Notas sobre territorio y territorialidad desde el sentipensar indígena en la cuenca del Lago de Maracaibo**. Venezuela: Ediciones pomarrosa, 2020.

ZAPATA, C. Los intelectuales indígenas y el pensamiento anticolonialista. **Discursos/prácticas**, Valparaíso, v. 2, n. 1, p. 113-140, 2008.

MONFORT, G. GISLOTI, L. J.

GISLAINE MONFORT: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), mestra e graduada pela mesma universidade. Compõe o Coletivo GeoPovos/UFGD. Geógrafa Discente do Programa de Pós Graduação de Geografia da Universidade Federal da Grande /PPGG/UFGD - Bolsista CAPES. Participa do Coletivo Autônomo de Apoio Mútuo às Mulheres Indígenas (MS). Tem interesse em estudos relacionados a geografias anarquistas e autonomias territoriais indígenas; lutas anticoloniais; lutas de libertação das mulheres; sabedorias tradicionais e memória biocultural; crises ecológicas e Ecologia Política. Em busca de profundos aprendizados com as formas político-organizativas dos povos e as múltiplas geografias de resistência autônoma na Abya Yala e em outras latitudes do mundo.

Orcid: 0000-0002-5677-5740

E-mail: gislainemonfort@gmail.com

Laura Jane Gisloti: Bióloga, doutora e mestra em Biologia Animal pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Feminista e Educadora Popular, atuando nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo (Leduc) e Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu. É docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Entomologia e Conservação da Biodiversidade (PPGECB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) da mesma instituição. No Ensino ministra os componentes curriculares relacionados à Etnobiologia, com foco no Ensino de Ciências em uma perspectiva interdisciplinar, intercultural, anticolonial, antirracista, antipatriarcal e freireana. Integra a Coletiva Autônoma de Apoio Mútuo às Mulheres Indígenas e a Marcha Mundial de Mulheres/MS.

Orcid: 0000-0002-3954-0245

E-mail: lauragisloti@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).